

O que é conhecer?

Para início de conversa...

Platão disse certa vez que é próprio de todo ser humano uma espécie singular de *pathós*, isto é, um sentimento ou disposição para espantar-se frente às coisas. Segundo ele, é dessa admiração fundamental que precederia o impulso da busca pelo conhecimento comum a todos os seres humanos. Essa é a *origem* do filosofar — diz Platão. Algo chama-nos a atenção e, de imediato, impulsionados pela curiosidade, partimos em busca de explicações e respostas às nossas indagações. Daí o motivo do questionamento sobre o ato mesmo de conhecer mostrar-se tão importante e presente ao longo da história da filosofia.

Epistemologia

(Do grego *epistême*, conhecimento). Área da Filosofia que se dedica ao estudo das condições de possibilidade do conhecimento e das relações existentes entre o sujeito (que conhece) e o objeto (a ser conhecido). Teoria do Conhecimento ou Filosofia da Ciência.

A epistemologia, enquanto teoria do conhecimento, é o campo da filosofia que se debruça sobre uma série de questões representadas pelo seguinte esquema:



Figura 1: Esquema de perguntas em torno da Epistemologia. Todas as perguntas parecem convergir sobre a questão em torno da verdade.

Assim, a nossa “missão” nesta aula é acompanhar as diferentes respostas dadas pelos filósofos a esses questionamentos e, se possível, criamos, nós mesmos, novas e intrigantes perguntas. Mas, antes, precisamos refletir sobre algumas questões preliminares.

Objetivos de aprendizagem

- Relacionar os diversos tipos de conhecimento;
- Identificar e compreender as condições de possibilidade do conhecimento;
- Diferenciar e articular os principais argumentos das epistemologias abordadas.

Seção 1

Conhecer para quê?

Em linhas gerais, conhecer significa o resultado da relação entre um sujeito (que conhece) e um objeto (o qual se quer conhecer). Transformamos constantemente informação em conhecimento quando lemos uma notícia, estudamos atentamente alguma coisa ou mesmo quando pensamos sobre nós mesmos.

E para que conhecemos? Simples: para satisfazer a nossa enorme curiosidade a respeito das coisas. Engana-se, assim, quem pensa que pertence apenas à classe dos filósofos a tarefa de questionar sobre tudo. Os cientistas, os religiosos e as pessoas em geral formulam perguntas durante toda a sua existência. Isso porque buscar saber mais faz parte da própria natureza humana. Já dizia Aristóteles: *“Todos os homens têm, naturalmente, o desejo de conhecer”* (Aristóteles, *Metafísica*).

Tipos de conhecimento

Se, segundo Aristóteles, todo ser humano tende ao conhecimento, resta-nos, antes de mais nada, saber quais tipos e formas existentes, não é mesmo?

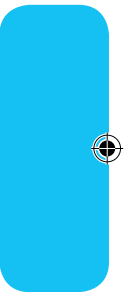
Imagine a seguinte situação: dois carros colidem em uma autoestrada sem vítimas fatais e três testemunhas presenciam o acontecimento. Teremos o mesmo relato? Provavelmente não. As diferenças serão relatadas de acordo com a ótica de cada uma das testemunhas; esta ótica é, de certo modo, determinada pela familiaridade com determinado tipo de conhecimento.

Vejamos: Se a *testemunha X* for uma pessoa religiosa, o relato do acidente será recheado de explicações de como as forças invisíveis operaram a favor dos envolvidos.

Já um físico tenderia a observar com os olhos de um cientista, cheio de demonstrações e atenção ao que chama de “fatos”.

E, por fim, uma dona de casa, sem muito estudo e moradora local que já viu muitos acidentes como este bem na porta da sua casa. Nesse caso, você concorda que o relato dessa senhora seria um resultado direto de suas experiências anteriores?

Pois então. Existem muitos tipos de conhecer, cada uma com suas particularidades e limitações. Dentre eles: o conhecimento vulgar, o racional e o religioso.



Conhecimento e poder

*“Porque o próprio **saber é poder**” (Francis Bacon, *Religious Meditations*).*

Esta sentença do filósofo inglês Francis Bacon é difícil de ser refutada, não é mesmo? Se pararmos um pouco para olhar atentamente a história da Humanidade, veremos, em quase todas as civilizações, a busca incansável das classes dominantes em instruir-se ao mesmo tempo que procuram dificultar ou mesmo tornar criminoso o acesso das massas populares ao conhecimento. Foi assim no Egito, onde a família real e uns poucos privilegiados detinham todo o saber à custa da submissão de seu povo. Foi assim na China Comunista, onde o próprio acesso à informação era limitado por uma censura do Estado como forma de manutenção de poucos indivíduos no poder. Que não nos esqueçamos da nossa própria história recente... Após o Golpe de 64, uma das primeiras ações dos militares foi a de abolir as disciplinas de Filosofia e Sociologia dos currículos escolares e, em grande parte, perseguir os profissionais que se ocupavam de seu ensino, bem como os jovens estudantes que protestavam contra o regime.



Figura 2: Repressão aos estudantes universitários em plena ditadura militar.

Isso tudo por quê? Simples: conhecimento e poder sempre mantiveram uma relação estreita. Quem conhece, estuda e desenvolve argumentos está sempre pronto a questionar. O conhecimento que está a favor das elites revela-se perigoso aos seus interesses, pois constitui um importante fator de **desalienação**.

Desalienação

Conceito de raízes marxistas, significa o processo de tomada de consciência, por parte da classe dominada, no que diz respeito ao seu verdadeiro lugar no processo produtivo e das formas de exploração às quais se encontra submetida.

Conhecimento formal x informal: o status do conhecimento no mundo moderno

Nem sempre o conhecimento foi entendido com o resultado de uma prática ou metodologias formais de ensino-aprendizagem. A boa e velha história pode-nos ajudar uma vez mais nessa questão confirmando que a própria ideia de Escola e a noção de “*curriculum*” são invenções tardias no que diz respeito à própria produção do conhecimento pelo homem. Seja como for, um conhecimento aprendido em uma Instituição de Ensino é premiado com a famosa certificação. Um diploma ou certificado é muito mais que um papel com letras e assinaturas; trata-se de um reconhecimento social de que o indivíduo domina uma série de saberes e técnicas. Essa é a principal característica de um conhecimento formal, o seu exercício encontra-se circunscrito nos limites das Instituições autorizadas a ensiná-lo.

No entanto, vemos um grande número de pessoas que fazem coisas impressionantes: um pedreiro que, apesar de não ter tido aulas de engenharia, conhece melhor do que o responsável-técnico a resistência de determinado material utilizado na obra em que trabalha, não é? Ele não tem diploma ou mesmo passou por uma escola que o capacitasse. Mas é possuidor de um conhecimento informal, adquirido pela observação das ações de um colega mais experiente na função ou mesmo pelo famoso método de tentativa e erro.

Se não podemos com absoluta convicção afirmar qual dos tipos de conhecimento é o melhor, sabemos que, em uma sociedade moderna, há uma sobrevalorização daquele adquirido pelos meios formais. Fato simples de se observar: basta comparar os salários do nosso pedreiro autodidata e do engenheiro responsável pela obra usados no exemplo acima.

E mesmo com o surgimento de nossas áreas do conhecimento e com o rápido avanço das transformações causadas pela tecnologia em nossos dias, a valorização dos saberes práticos e informais ainda é bastante incipiente se compararmos com a exigência cada vez maior por uma formação certificada e formal. Ter um diploma aumenta as chances de conseguirmos um emprego melhor e passarmos à frente de muitos candidatos, e o mercado valoriza cada vez mais o empregado que está sempre se atualizando e buscando novos conhecimentos.

Seção 2

O que os antigos pensavam?

Mesmo entre os filósofos chamados pré-socráticos já é possível notar a preocupação crescente com a questão do conhecimento. Seja na filosofia do devir de Heráclito ou mesmo no imobilismo defendido por Parmênides encontramos alguns dos elementos fundamentais para o desenvolvimento da epistemologia na era moderna.

Importante

O pensamento dos pré-socráticos Parmênides de Eleia e Heráclito de Éfeso foi assunto da nossa primeira aula de filosofia (Módulo I). Vale a pena dar uma olhadinha...

No entanto, apenas com a tríade Sócrates-Platão-Sofistas é que a filosofia debruçou-se efetivamente sobre o problema.

Sócrates e Platão contra os Sofistas

Os sofistas foram, em sua grande maioria, estrangeiros versados nas artes da retórica e da oratória. Contratados pelos homens de influência das cidades gregas, os sofistas eram contratados para educar e transformar os seus filhos em grandes oradores e políticos.

Apesar de não terem deixado muitos registros escritos, os sofistas conseguiram a atenção do dono de uma das mentes mais brilhantes da história, o filósofo ateniense Sócrates. Ao defenderem uma espécie de relativismo — expresso de modo emblemático na máxima “*O homem é a medida de todas as coisas*”, de Protágoras —, tornaram injustificável a própria missão da filosofia. Essa missão seria, segundo Sócrates, a libertação das ilusões dos sentidos.

Em outras palavras: se é apenas o próprio homem o único critério de verdade para as coisas, não haveria nada além que pudesse legitimar aquilo que pode ser dito e que, por sua vez, mostra-se capaz de convencer as pessoas de sua condição de discurso verdadeiro. Para Sócrates, o verdadeiro não só existe como constitui a pedra angular de toda a ação filosófica.

A partir da perspectiva socrática de busca da verdade e de suas duras críticas ao conhecimento sensível, Platão (seu mais famoso aluno) postula a existência de dois mundos em sua célebre **teoria das ideias**.

A teoria das ideias ou das formas de Platão encontra-se presente em diversos textos do filósofo, em especial no diálogo o Fédon. No entanto, popularizou-se por meio de seu célebre Mito (ou alegoria) da caverna presente no Livro VII de *A República*.



Vivemos em um mundo de ilusão — diz a dupla de filósofos — cercados de objetos e seres captados pelos nossos sentidos. No entanto, esse mundo sensível nada mais é do que uma cópia, um simulacro de sua ideia fundadora que habitaria junto com as demais em um outro mundo, dito inteligível. Quem concordar com essa teoria deverá defender que tudo o que vemos a nossa volta não passa de um reflexo imperfeito de sua ideia correspondente, entendeu? Assim, existiria nesse mundo suprassensível uma única ideia de Bem, Justiça, gato, cavalo, homem etc. Quando olhamos, por exemplo, para o felino, nosso espírito faz um tremendo esforço para apreender a sua essência, que se encontra fora desse ser que está, por sua vez, bem a nossa frente.

Para esses filósofos, o ato de conhecer, portanto, dar-se-ia por meio da apreensão dessas ideias, e todo esse processo de libertação das correntes do mundo sensível em direção ao verdadeiro seria responsabilidade do filósofo.

Para quem quer revisar ou mesmo conhecer outra forma de entrar em contato com o Mito da Caverna de Platão, a animação da Bullhead Entertainment < <http://platosallegory.com/> > é uma excelente opção.
Versão dublada em português: <http://www.youtube.com/watch?v=Rft3s0bGi78&feature=related>



Ora, se os sofistas dizem que a própria verdade não passa de uma questão de assentimento coletivo e momentâneo a respeito de algo, não há coisa alguma além de ilusão e persuasão. Vence não o que aponta para a ideia verdadeira, e sim aquele que apresenta argumentos mais convincentes e enganadores em torno de determinado assunto.

A preocupação de Platão com a problemática do conhecimento vai mais além ao caracterizar diferentes níveis de saberes, a partir da sua proximidade com o mundo ideal. Juntamente com a Alegoria da Caverna, Platão apresenta a sua teoria da linha dividida nas páginas de sua obra de maior renome, *A República*. Veja o esquema:



Bro
Urug.
Argei

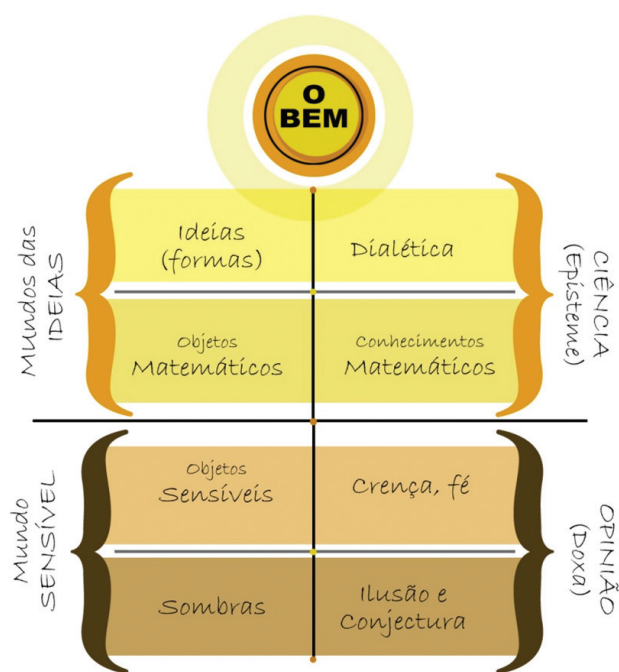


Figura 3: Esquema da teoria da linha dividida. Observe que o conhecimento pela crença é inferior ao conhecimento matemático única e exclusivamente porque aquela se encontra dentro dos limites da opinião (*doxa*), enquanto a matemática é considerada uma ciência (*episteme*).

Aristóteles

Se, para a dupla de filósofos atenienses, a ideia é anterior e até mesmo independente dos objetos concretos, para Aristóteles (384 a.C.–322 a.C.) ela é o resultado da observação dos próprios seres humanos.

A solução aristotélica é brilhante: não vivemos em um mundo que aponta constantemente para fora de si, diz o filósofo, e sim em uma única realidade que é composta pelo conjunto de forma e matéria. Com isso, Aristóteles realiza uma espécie de unificação dos 2 mundos platônicos, cabendo à filosofia não mais a tarefa de libertar os seres humanos das correntes da ignorância e do erro oriundo dos sentidos, mas o papel de diferenciar aquilo que é essencial do que é acidental nas coisas.

Mas o que Aristóteles entende por matéria e forma? Em sua obra *A Metafísica* define esses conceitos de diversas formas diferentes. Em linhas gerais, identifica a *forma* com a própria ideia de uma coisa, a representação de sua figura ideal. Em contrapartida, a *matéria* revela-se como um elemento fundamental, mas ainda em estado bruto, à espera de algo que justifique a sua existência. Ao conjunto de matéria e forma, Aristóteles deu o nome de *substância*.

Um bom exemplo para tornar clara essa distinção é o da estátua de bronze dado pelo próprio filósofo. Para Aristóteles, o bronze seria a matéria, enquanto a figura ideal, a forma. A estátua realizada representaria o conjunto de matéria e forma, ou seja, a própria substância da estátua.

Essa postura de um realismo mais empírico defendido por Aristóteles é tema de frequentes comparações entre o filósofo e seus antecessores, que foram muito bem retratadas em uma das maiores obras de Rafael.

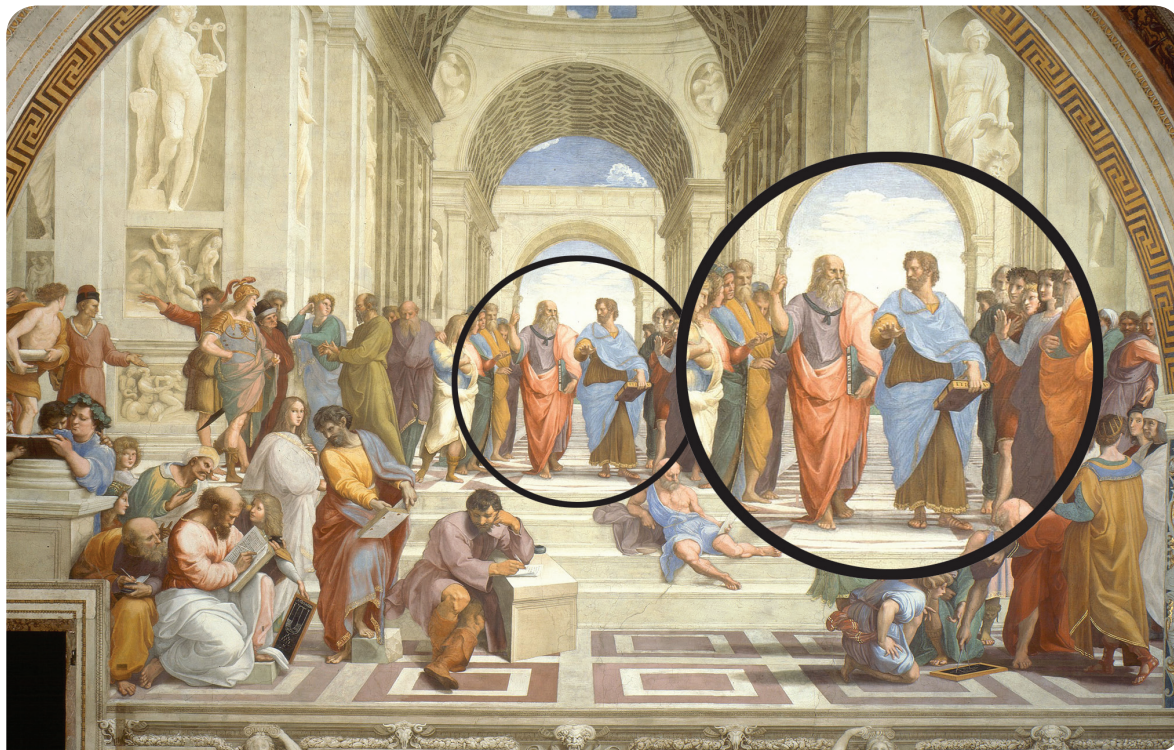


Figura 4: Escola de Atenas (Scuola di Atenas:1509/10) é uma das mais famosas pinturas do pintor Rafael. Em meio a dezenas de pensadores, o renascentista italiano optou por pintar Platão e Aristóteles bem ao centro. Podemos notar que Platão, mais velho, aponta o seu indicador para o alto, enquanto Aristóteles parece querer trazê-lo a uma posição mais intermediária.

Esse entrelaçamento entre essência e substância presente em todas as coisas permitiu ainda que Aristóteles justificasse outra questão bastante polêmica entre os filósofos gregos: a problemática do movimento. Como é possível o movimento? — perguntou Aristóteles. Seu professor, apesar de ter se esforçado bastante, nunca havia conseguido uma explicação filosófica aceitável para essa questão. Partiu, assim, Aristóteles em busca da ideia de função, chegando, por fim, à Teoria das 4 Causas. Assim, no pensamento aristotélico, tudo o que existe, por tender à perfeição, possui 4 causas, a saber:

- A Causa FORMAL, ou seja, a essência, a forma própria de cada coisa.
- A Causa MATERIAL, isto é, a matéria de que é feita a coisa, o sujeito.
- A Causa EFICIENTE, o princípio do movimento e o agente da mudança.
- A Causa FINAL ou, em outras palavras, o objetivo, a finalidade das coisas, o bem.

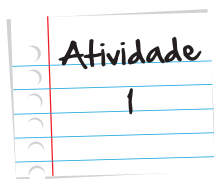
Voltemos ao exemplo da estátua: um escultor, ao fazer uma estátua de certa divindade antiga para adoração em um Templo de sua Cidade... Quais seriam as causas que levaram à atualização do barro em estátua?

Bem, a ideia na mente do artista seria, para Aristóteles, identificada com a causa formal. O material empregado (no caso, o bronze) seria a causa material. A causa eficiente compreenderia a própria ação das mãos e dos instrumentos utilizados para moldar e esculpir a obra de arte, enquanto a intenção do artista em utilizar a estátua em um Templo seria a causa final.

Como ficou claro, as coisas não estão mais numa relação entre cópia e modelo, como defendia Platão. Não se faz mais necessária a referência de essências imutáveis extramundanas, juntamente com a sua impossibilidade de mudança. Para Aristóteles, esse processo revela-se fruto da inseparável relação entre forma e matéria cuja atualização das essências nada mais é do que o resultado da passagem daquilo que é potencial para algo que agora encontramos em ato.

No exemplo que utilizamos, a peça de bronze seria uma estátua em potência enquanto ainda não sofreu as transformações impostas pelas mãos do escultor. Uma vez terminada a obra de arte, tudo o que já estava latente na matéria-prima torna-se realizado sob a forma de estátua. Essa explicação dada por Aristóteles é bastante abrangente e, assim, uma semente seria potencialmente uma árvore do mesmo modo que uma criança seria a promessa de adulto no futuro.

A exemplo de Platão, Aristóteles fez uma divisão dos saberes existentes em sua época em 3 grandes campos: *teóricos, práticos e produtivos* (ou técnicos). Essa divisão do conhecimento, no entanto, fará parte da nossa próxima aula, que tratará de Lógica.



Tomando como base a filosofia de Aristóteles, identifique as causas das seguintes situações:

a. Um cozinheiro, ao preparar uma omelete de queijo:

Causa Formal:

Causa Material:

Causa Eficiente:

Causa Final:



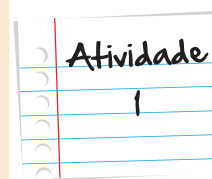
b. Um engenheiro encarregado da construção de uma ponte de concreto:

Causa Formal:

Causa Material:

Causa Eficiente:

Causa Final:



Anote suas
respostas em
seu caderno

Quem tem medo do ceticismo?

Ceticismo

(Do grego *skepsis*: investigação ou questionamento). Postura filosófica que nega, ao menos indiretamente, a capacidade da razão humana de alcançar ou mesmo produzir um conhecimento verdadeiro. Segundo o filósofo e escritor espanhol Miguel de Unamuno (1864-1936):

"Ser cético não significa ser aquele que duvida, mas sim aquele que investiga e pesquisa, ao contrário daquele que afirma e que pensa que achou."

Paralelamente a toda tentativa de se chegar ao conhecimento verdadeiro através da Filosofia, o ceticismo sempre se colocou como um desafio a ser superado.

Para alguns pensadores, a própria atitude filosófica traria inevitavelmente consigo uma pitada de ceticismo, exatamente em virtude de sua natureza crítica e propensa à dúvida. Nesse sentido, o ceticismo seria uma espécie de contraparte da filosofia, fazendo-se evidente desde a posição defendida pelos sofistas até na célebre máxima pronunciada por Sócrates: *"Só sei que nada sei"*.



Bro
Urug.
Argei

Enquanto movimento filosófico coerente, no entanto, o Ceticismo surge com o recatado e misterioso Pirro de Élis (360 a.C.-270 a.C.), e a maioria de suas teses remonta aos escritos de seus seguidores, chamados “pirrônicos”. Em linhas gerais, os céticos empenhavam-se constantemente em demolir todos os dogmas das demais escolas sem, no entanto, expressarem as suas próprias teses de modo categórico. Limitavam-se a apontar e expor os dogmas de seus opositores, mostrando como teses contrárias poderiam ser igualmente válidas. Diante dessa multiplicidade de juízos, leis, costumes e teorias e, desse modo, da impossibilidade de se encontrar um critério único da verdade, o cético opta pela *suspensão do juízo* (em grego, *epoché*). Frente às incertezas, a melhor opção, segundo ele, seria a de abster-se de emitir quaisquer juízos ou posicionamento definitivo em relação a tudo. Como não acredita que exista algo que justifique a preferência de uma teoria em favor de outra, prefere argumentar pelas **aporias** a que levam a argumentação dos demais, mas evitando a todo custo posicionar-se de modo conclusivo.

Aporia

(Do grego aporía, caminho inexpugnável, sem saída). Impasse lógico ou argumentativo. Paradoxo que impede o prosseguimento ou conclusão de um determinado raciocínio.

Trata-se de uma doutrina ao mesmo tempo invencível e frágil. Invencível porque não se pode vencer aqueles que abdicaram de toda pretensão ao verdadeiro, mas, ao mesmo tempo, basta um posicionamento mais claro, uma definição mais direta para toda a sua invencibilidade cair por terra. Para ficar claro: imagine um debatedor irritante e escorregadio que ri ao demonstrar que ambas as teorias, por ora presentes no debate, são igualmente válidas e que levam, inevitavelmente, a contradições. Basta um deslize, um juízo, como “*Não há verdade!*”, para virar o alvo para si. Ora — diriam os demais —, *como não há verdade se acabas de creditar a sua frase um caráter verdadeiro?*

Assim, o ceticismo configura-se enquanto uma postura negativa e cáustica que impede os seus próprios representantes de defenderem, senão de modo indireto, as suas convicções sob o risco de verem todo o seu esforço destruído pela mesma forma de contradição que adoram fomentar.

De qualquer forma, como dissemos anteriormente, o ceticismo mantém-se presente em toda história da filosofia até os dias de hoje: de Pirro a Carneades, e os herdeiros da Academia de Platão; de Hume e Kant a Rorty, passando por Descartes, Montaigne e Nietzsche. Grandes nomes que se viram obrigados a posicionar-se frente ao ceticismo.

Leia atentamente a citação e atenda ao solicitado:



Cuido que ele ia falar, mas reprimiu-se. Não queria arrancar-lhe as ilusões. Também ele, em criança, e ainda depois, foi supersticioso, teve um arsenal inteiro de crendices, que a mãe lhe inculcou e que aos vinte anos desapareceram. No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita, e ficou só o tronco da religião, ele, como tivesse recebido da mãe ambos os ensinamentos, envolve-os na mesma dúvida, e logo depois em uma só negação total. Camilo não acreditava em nada. Por quê? Não poderia dizê-lo, não possuía um só argumento; limitava-se a negar tudo. E digo mal, porque negar é ainda afirmar, e ele não formulava a incredulidade; diante do mistério, contentou-se em levantar os ombros, e foi andando.

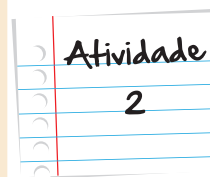


(Machado de Assis. *A Cartomante*)

Frente a toda crença, o personagem Camilo, do conto “A cartomante”, de Machado de Assis, revela-se como um cético, sem, no entanto, radicalizar essa posição. Nesse sentido, sua postura é, além de estratégica, muito mais cômoda e coerente, e, exatamente por saber que “negar é ainda afirmar”, ele é levado a optar pela indiferença – a versão moderna para a *epoché* grega.

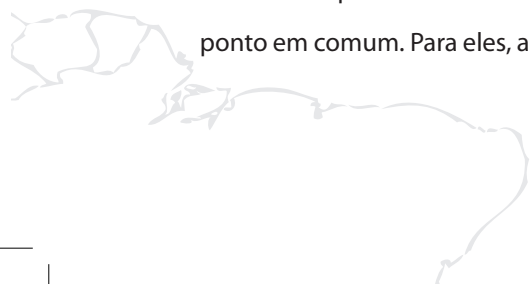
O seu desafio nesta questão consiste em explicar os princípios básicos do ceticismo, de modo a apontar os limites tanto daquele que adota, como o personagem do conto, uma postura cética tradicional, quanto a sua respectiva radicalização.

Anote suas respostas em seu caderno



A verdade vem de Deus: Agostinho e a Teoria da Iluminação

A despeito das diferenças entre as explicações dadas pelos filósofos, há, em toda a Antiguidade Clássica, um ponto em comum. Para eles, a inteligibilidade do real é algo dado. Isso significa que o espírito humano, segundo eles,



pode conhecer a essência das coisas (esteja ela fora do mundo ou inerente ao mesmo), simplesmente porque partilhámos com a realidade a sua natureza racional. Nesse sentido, dizer que o ato de conhecer consiste na apreensão das ideias ou na simples percepção das suas características essenciais não faz muita diferença. Sujeito e objeto, de certa forma, confundem-se entre os pensadores antigos.

Com o advento do Cristianismo, algumas questões foram postas e acabaram por modificar radicalmente o modo como os filósofos entendiam o ato humano de conhecer. A cisão entre dois mundos retorna com mais força que no pensamento socrático-platônico, agora associados às noções de pecado, salvação e Graça divina. Enxergar o verdadeiro ficou ainda mais complicado que no passado, pois a própria autonomia daquele que conhece é enfraquecida em virtude da dependência com a Divindade.

No entanto, a exemplo de Platão, as nossas mentes possuem algo de divino que seria a fonte de toda certeza em relação ao mundo material e, em especial, às verdades da fé. Essa “saída” foi apresentada, de modo brilhante, por Santo Agostinho, bispo de Hipona, e ficou conhecida como a teoria da iluminação divina.

Segundo o santo padre, Deus iluminaria as nossas mentes permitindo-nos, assim, produzir conhecimento verdadeiro sobre as coisas. Em outras palavras: o nosso aparato cognitivo de nada valeria, nessa perspectiva, sem que a Vontade divina operasse sobre ele. A epistemologia medieval torna-se, como quase tudo o mais na Idade Média, uma Teologia.

É importante ressaltar que, a qualquer momento, os homens podem desviar o seu olhar do caminho do verdadeiro indicado por Deus e, desse modo, deixar de ser merecedores de sua Graça.

Apesar de toda essa problemática teológico-filosófica presente no pensamento de Agostinho, cabe uma observação: pela 1ª vez na história encontramos a noção de sujeito enquanto consciência de si e das coisas; motivo mais que suficiente para que muitos o considerem o precursor do cogito cartesiano.

Importante

A expressão “**cogito cartesiano**” constitui o conceito mais importante da filosofia de René Descartes (1596-1650). Revela a descoberta ou percepção do “eu” que pensa ou, em última análise, de nossa própria subjetividade. Agostinho, de certo modo, antecipou o raciocínio do filósofo francês quando escreveu em sua obra *A Cidade de Deus* (XI, 26):

“Se me engano, existo, pois quem não existe não pode sequer se enganar. Se, pois, existo porque me engano, como me enganarei a respeito de minha existência quando tenho a certeza de existir pelo fato de que me engano?”

A navalha afiada de Ockham

Para finalizar as perspectivas presentes entre os medievais, resta-nos falar de um pensador bastante singular chamado Guilherme de Ockham (1290-1349), que ficou famoso pelo critério de economia dos juízos e pela sua defesa do nominalismo.

Defensor da separação radical entre fé e razão, Ockham sustentava que a filosofia era incapaz de demonstrar a verdade da Revelação, cabendo unicamente à teologia essa missão.

Quanto à questão do conhecimento, Ockham foi igualmente radical. Através de seu nominalismo defende que os universais, longe de serem entidades que existem de modo independente de nosso pensamento (como queria Platão), ou através da abstração das características particulares dos seres concretos (a exemplo de Aristóteles), não passavam de *flatus vocis* (sons emitidos). Mas o que isso significa? Vamos pensar... Quando observamos um animal e dele o conceito de mamífero, nada mais fazemos do que utilizar uma referência, um mero nome que em nada nos obriga a criar novas entidades para além desse mundo.

Essa posição encontra-se presente na célebre máxima do filósofo: “*entia non sunt multiplicanda praeter necessitatem*”, ou seja, **não devemos multiplicar a existência dos seres além daquilo que é necessário**. Essa verdadeira fórmula de economia ficou famosa sob o título de a **navalha de Ockham** e defende que os nomes, seja sob a forma sonora, escrita ou pensada, são mais do que suficientes para explicar o real, não sendo necessária a referência a novas entidades sobrenaturais para tanto. Essa mesma “lei” pode ser estendida a quase tudo, por exemplo: se estivermos diante de duas teorias que pretendem explicar um determinado fenômeno, devemos escolher a mais simples, segundo Ockham, por ser esta a que se espelha na experiência.

Em *O nome da Rosa* (1986), de Umberto Eco, um franciscano e seu discípulo são chamados para solucionar uma série de assassinatos misteriosos em um mosteiro. Em diversas passagens, fica claro o quanto William de Baskerville (interpretado por Sean Connery) se esforça por afastar as explicações que se utilizam de forças sobrenaturais como causas dos crimes. Versão prática e hollywoodiana da navalha de Ockham.

Link: <http://www.youtube.com/watch?v=tNGa0GTYFpQ>



Seção 3

Mas, afinal, quem é o sujeito?

Descartes e a descoberta da subjetividade moderna

Diferentemente dos antigos e medievais, em que a própria realidade é a presença manifesta ao intelecto humano, a atenção dos filósofos modernos volta-se para o sujeito que conhece e, conseqüentemente, para as condições de possibilidade do conhecimento verdadeiro.

A acentuação do *dualismo sujeito-objeto*, a pergunta pela *origem do conhecimento* e a inevitável busca por um *método capaz de conferir um status seguro às ciências* marcam toda a modernidade.

Importante

É importante lembrar que acontecimentos históricos como o *Renascimento* e o avanço das ciências experimentais tiveram grande impacto nas teorias que veremos a partir de agora. Por isso, vale a pena dar uma revisada em um bom livro ou site de história.

Sugestões:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Renascimento>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_ci%C3%A2ncia

Sem sombra de dúvida, René Descartes (1596-1650) é um dos nomes de maior destaque neste período. Considerado o “pai” do **Racionalismo**, Descartes foi, além de um importante filósofo moderno, um matemático de renome. Você pode não estar lembrado, mas, com certeza, já foi obrigado a marcar os pontos x e y no plano cartesiano, não é mesmo? Pois bem. Culpa de Descartes. Apesar de francês, o filósofo ficou conhecido por seu nome em latim, “*Cartesius*”, o que acabou batizando o conjunto de sua doutrina e raciocínios.

Racionalismo

Doutrina filosófica que toma a razão humana como único critério válido para o conhecimento da realidade. Defende que é possível a obtenção da certeza a partir das ideias produzidas sem o apoio da experiência (inatismo). Principais representantes: Descartes, Spinoza, Leibniz e Hegel.

Em sua obra mais popular, o *Discurso do Método*, Descartes empenhou-se na busca de um fundamento que julgasse seguro para as ciências de sua época. Como procurava uma fonte de certeza, optou por iniciar o seu pensamento com uma espécie de ceticismo, recusando, assim, toda informação proveniente dos sentidos, dos costumes e mesmo da matemática, pelo simples motivo de os mesmos já terem sido fonte de erro e engano. Vamos acompanhar o seu raciocínio?



Assim, porque os nossos sentidos nos enganam às vezes quis supor que não havia coisa alguma que fosse tal como eles nos fazem imaginar. E, por haver homens que se equivocam mesmo em seus raciocínios no tocante às mais simples questões de Geometria, e cometem aí paralogismos, rejeitei como falsas — julgando que estava sujeito a falhar como qualquer outro — todas as razões que eu tomara até então por demonstrações. Enfim, considerando que mesmo os meus pensamentos que assaltam quando acordados também podem nos ocorrer quando dormimos, sem que nesse caso haja nenhum que seja verdadeiro, resolvi fazer de conta que todas as coisas que até então haviam entrado no meu espírito não eram mais verdadeiras que as ilusões de meus sonhos. (DESCARTES, 1985, p. 55).



Ora, a estratégia de Descartes revela-se bem-sucedida. Se somos obrigados a dar ouvidos ao ceticismo no que diz respeito à impossibilidade de se chegar a algum critério único e seguro de certeza, quando voltamos para o nosso próprio raciocínio nos vemos obrigados a concluir que:

Se, duvidamos, pensamos. Se pensamos, somos (essa substância que pensa e duvida).

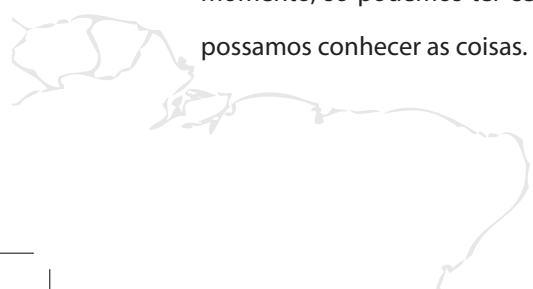
É justamente nesse ponto que o filósofo chega a sua mais famosa figura: o cogito. Quem não ouviu ao menos uma vez a expressão: “*Se penso, logo existo*”, de Descartes?

Cogito

É a forma abreviada da máxima de Descartes: *Cogito ergo sum* (Penso, logo existo), escrito em latim pelo filósofo em suas obras *Meditações* e o *Discurso do Método*.

É com a descoberta do *cogito* que a filosofia moderna efetivamente se inicia. Mas o que é esse “eu que pensa”? A subjetividade, ora! Aquilo que há de mais caro entre os pensadores a partir de Descartes confunde-se, por vezes, com a própria noção de consciência e de pessoa humana.

Mas, se o *cogito* é a certeza que Descartes procurava, como ligá-lo ao mundo exterior e às ciências? Até o momento, só podemos ter certeza de que, enquanto pensamos, existimos. Mas não há nenhuma garantia de que possamos conhecer as coisas.



O próximo passo do raciocínio cartesiano dá-se pela autopercepção de que existência e finitude estão associadas. Em outras palavras: se enquanto penso percebo-me finito, um ser de natureza infinita teria ainda mais razões de existir, não é mesmo? Ora, esse ser infinitamente perfeito é Deus, que tem a sua existência agora garantida exatamente por aquela finitamente imperfeita do sujeito pensante.



Não se espante de estar achando essa 2ª parte do raciocínio um tanto “forçada”. Saiba que diversos pensadores contemporâneos a Descartes também compartilham a sua opinião. No entanto, o fato de Descartes ter invertido a relação entre Criador e criatura em sua epistemologia já é motivo de aplausos. Lembra Santo Agostinho? Pois bem, segundo ele, nós somente podemos conhecer porque somos iluminados pela divindade. Dependemos da vontade de Deus que, em todos os sentidos, antecede e tem prioridade sobre o nosso aparato cognitivo. A filosofia cartesiana rompe com tudo isso: a existência de Deus é agora garantida pela certeza do *cogito*, isto é, do homem.

A partir daí fica bem mais simples justificar a existência de um mundo exterior à nossa consciência. Uma vez que Deus é perfeito, em sua infinita bondade conferiria realidade ao mundo material. Este pode ser conhecido a partir de um método rigoroso descrito por Descartes, pautado, sobretudo, na clareza e simplicidade das ideias.

Para entendermos melhor, segue um esquema do raciocínio cartesiano até aqui:



Figura 5: Esquema do raciocínio cartesiano. Em linhas gerais, podemos simplificar o raciocínio de Descartes (exposto no *Discurso do Método*) conforme as 4 etapas acima. Da dúvida generalizada (1) à descoberta do sujeito (2) e da percepção de Deus (3) à existência do mundo físico.

O critério da verdade defendido por Descartes e pela maioria dos racionalistas baseia-se na possibilidade de obtenção, por meio do método analítico, de verdades evidentes. Quanto mais clara e distinta mostra-se uma ideia, mais verdadeira ela será. Ora, ideias verdadeiras são, em última análise, aquelas que nascem conosco, o que chamou de *inatas*.

As ideias "*inatas*" (como a do próprio *cogito*, da alma e Deus) existem, desde sempre, em nossa mente sem termos que nos referir à experiência. Por outro lado, as ideias ditas "*adventícias*" (como as de sol, maçã etc.) são o resultado das nossas experiências sensíveis e dependem das anteriores para servir-lhes de fundamento. Por fim, as "*fictícias*" não passam de ideias fabricadas pela própria imaginação do sujeito e, como tal, não possuem compromisso com o verdadeiro.

O Empirismo

Do lado oposto à resposta de Descartes e dos racionalistas à questão sobre a origem do conhecimento, temos os filósofos que partilham da visão **empirista**.

Empirismo

(Do grego *empeiria*, experiência, saber sensível). Orientação filosófica que toma a experiência sensível como única ou principal fonte do conhecimento verdadeiro.

Principais representantes: Aristóteles, S. Tomás de Aquino, Bacon e Hobbes (antecessores). Locke, Berkeley, Hume, John Stuart Mill.

Em linhas gerais, chama-se empirista toda doutrina que sustenta — assim como o provérbio latino — que "Nada há no intelecto que antes não tenha estado nos sentidos". Esse lema, por vezes atribuído a Aristóteles, revela-se uma crítica severa ao inatismo dos racionalistas ao creditarem ao intelecto a produção de ideias sem o apoio da experiência.

Para os empiristas, os seres humanos, ao nascer, são como folhas em branco onde serão, aos poucos, gravadas as informações à medida que começarem a receber do exterior as impressões sensíveis. Essa atitude de hipervalorização da experiência remontaria ao próprio Aristóteles, passando por Galileu e sua iniciativa de olhar para o espaço com a sua luneta, chegando ao método de Francis Bacon e demais filósofos modernos de língua inglesa. E assim poderemos identificar uma pessoa partidária das teses empiristas quando:

- Defende que não existem ideias inatas na mente humana e exemplificam utilizando pessoas portadoras de deficiência. Por exemplo: Seria, para estes, impossível um cego formar ideias correspondentes às cores; do mesmo modo um surdo em relação aos sons.
- Argumenta em favor da adoção, por parte das ciências, de um método pautado na observação dos fenômenos, na repetição e na formulação de hipóteses.
- Compara as ideias produzidas pela reflexão indireta e aquelas que são o resultado dos sentidos, opta pela segunda opção dizendo que os pensamentos são sempre inferiores às sensações mais embaçadas.

O embate entre racionalistas e empiristas sempre recebeu atenção especial dos historiadores da filosofia, não apenas pela sua importância para o desenvolvimento das ciências como para a configuração do pensamento de um filósofo alemão que viria revolucionar a epistemologia moderna. Seu nome? Immanuel Kant.

O Criticismo kantiano

Immanuel Kant (1724-1804) ficou famoso pelas suas três Críticas, obras de leitura difícil e, por vezes, enfadonha, em que se dedicou a escrever sobre temas relevantes da Filosofia. O primeiro livro, intitulado *Crítica da Razão Pura*, data de 1781 e, em suas páginas, o filósofo alemão procurou estabelecer o que chamou de limites do uso da razão teórica.

De certo modo, Kant operou uma síntese entre as tradições racionalistas e empiristas, ao propor uma solução mais definitiva à problemática da origem do conhecimento. Para ele, o conhecimento seria o resultado de uma ação bastante complexa entre duas faculdades humanas, a saber, a *sensibilidade* e o *entendimento*. Assim, a partir das intuições da sensibilidade, o que antes não passava de impressões desordenadas de nossos sentidos, agora encontram-se reunidas a partir de suas formas puras do espaço e do tempo. Por sua vez, cabe ao entendimento unificar, com seus conceitos puros ou categorias, os objetos da intuição sensível. Por meio da cooperação dessas faculdades, o ser humano produz o conhecimento, agora entendido como o resultado captado do exterior sob a organização das estruturas internas do sujeito. Como se não bastasse, Kant ainda postula a existência de uma faculdade intermediária, a *imaginação*, responsável por realizar a síntese entre sensibilidade e entendimento através de seus esquemas. Parece complicado, não é mesmo?

Vejamos se podemos simplificar: ao olharmos para certo número de coisas, a sensibilidade organizaria esses dados localizando-os no espaço e no tempo, em seguida, viria a imaginação, que completaria as lacunas existentes, permitindo, finalmente, ao entendimento estruturá-los e unificá-los a partir de suas categorias. O que, para a sensibilidade era múltiplo, torna-se conhecimento com a ação da imaginação e do entendimento e, agora, pode ser expresso sob a forma de juízos. Observe a figura:



Figura 6: Estruturas Inatas do Sujeito. O esquema mostra como, segundo Kant, transformamos as impressões oriundas dos sentidos em conhecimento.

Que conclusões podemos tirar desse esquema tão elaborado proposto por Kant? Antes de mais nada, que a produção do conhecimento, conforme expomos, depende dos dados captados pelos sentidos, por um lado, e das estruturas conceituais do entendimento, por outro. Assim, toda forma de saber que ultrapassa esses limites é encarada como transgressora exatamente por proceder de um uso abusivo da razão. Conceitos dos quais não temos impressões sensíveis são vazios — diz Kant, *assim como o contrário, isto é, apenas impressões sem conceitos são cegos*.

Outra conclusão importante diz respeito ao próprio sujeito do conhecimento que passa a ser entendido como consciência. Em termos kantianos, trata-se de um sujeito transcendental que se constitui enquanto estabelece relações com as coisas. Longe de ser uma substância pensante e imaterial por excelência, como defendia Descartes, o sujeito passa a configurar-se como o produtor de sentido, cuja ação sobre as coisas não é capaz de captar um valor oculto/velado aos seres humanos, mas de introduzir, a partir de suas estruturas cognitivas, uma realidade por ele construída.

Essa mesma consciência, proibida de ir além do que lhes permitem as impressões, tornar-se-á agora *intencional* no pensamento do último autor a ser estudado em nossa aula.

A perspectiva fenomenológica de Husserl

Para Edmund Husserl (1859-1938), pai do movimento conhecido como *fenomenologia*, a consciência é caracterizada, antes de mais nada, pela sua intencionalidade. Isso significa que, assim como em Kant, é impossível o conhecimento da natureza última das coisas, em outras palavras: da coisa em si. Mas, diferentemente dele, não há elementos unificadores que nos levam a conclusões unívocas a respeito de algo.



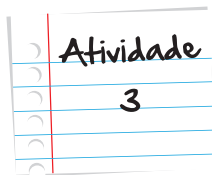
Uma vez que a experiência da consciência depende do material procedente dos sentidos, por um lado, e do modo como a mente “enxerga” o que lhe foi transmitido por eles, toda a realidade depende da visada, em última análise, da percepção das coisas. Nota-se, claramente, no pensamento de Husserl uma espécie de **perspectivismo** evidente especialmente no aspecto de inacabamento dos objetos percebidos e dependentes da intencionalidade daquele que observa.

Perspectivismo

Concepção segundo a qual toda verdade só pode ser considerada como tal no interior de uma perspectiva particular. Relativismo.

Mas como a fenomenologia pretende superar a pluralidade de visadas em direção a uma unidade do significado? Simples: pela busca de um núcleo de sentidos e perspectivas, preocupando-se exclusivamente com as operações realizadas pela consciência, sem questionar, no entanto, sobre a realidade dos objetos da percepção.

São as atitudes intencionais da consciência (que só existe enquanto consciência “de” algo) em face do objeto e dos diferentes modos sob os quais o objeto a ela se lhe apresenta que importam agora.



Identifique, a partir das citações, os seus respectivos autores ou doutrinas:

- a. () “Toda consciência é uma consciência de alguma coisa.”
- b. () “Sem sensibilidade nenhum objeto nos seria dado, e sem entendimento nenhum seria pensado.”
- c. () “Quem é consultado ensina verdadeiramente, e este é Cristo, que habita, como foi dito, no homem interior, isto é: a virtude incomutável de Deus e a sempiterna Sabedoria, que toda alma racional consulta, mas que se revela a cada um quanto é permitido pela sua própria boa ou má vontade.”
- d. () “Parece-me que, se existe algo de belo fora do Belo em si, essa coisa só é bela porque participa desse Belo em si, e digo que o mesmo ocorre quanto a todas as outras coisas.”
- e. () “A matéria não é em potência porque pode se encaminhar para a realização de sua forma: e quando ela está em ato, então ela está em sua forma.”
- f. () “Se te comprometes, atraís a maldição para ti mesmo.”

- g. () “Mas o que sou eu? Uma substância que pensa. O que é uma substância que pensa? É uma coisa que duvida, que concebe, que afirma, que nega, que quer, que não quer, que imagina e que sente.”
- h. () “[Uma vez que o homem é a medida de todas coisas...] as coisas são para mim conforme me aparecem, como serão para ti segundo te aparecerem.”
- i. () “Quando analisamos nossos pensamentos ou ideias, por mais complexos e sublimes que sejam, sempre descobrimos que se resolvem em ideias simples que são cópias de uma sensação ou sentimento anterior.”
- j. () “As entidades não devem ser multiplicadas além do necessário, a natureza é por si econômica e não se multiplica em vão.”

(1)Platão (2)Aristóteles (3) Protágoras [Sofista] (4)Pirro e seguidores [Céticos] (5)Sto. Agostinho (6)Guilherme de Ockham (7)Descartes (8)Hume [Empirista] (9)Kant (10)Husserl

Anote suas respostas em seu caderno

Atividade

3

Conclusão

Após um breve contato com tantas teorias diferentes, chegamos ao final de nossa 3ª aula de Filosofia. Mas o que podemos extrair de interessante do que aprendemos? Ora, apesar de distintas, todas as filosofias abordadas aqui têm em comum o desejo do homem de entender o processo de produção do conhecimento. Esse mesmo desejo leva-nos, enquanto espécie, a buscar critérios que nos permita entender o nosso lugar nesse Universo tão espetacular que se encontra bem diante de nossos olhos. Essa mesma curiosidade levou um grande número de filósofos a procurar e expor procedimentos capazes de manter o nosso intelecto, por natureza bastante rebelde, dentro dos limites do que consideramos aceitáveis. A lógica pode ser considerada um desses artifícios, mas isso é assunto para a nossa próxima aula.

Resumo

Aprendemos em nossa aula que:

- A epistemologia é a área da filosofia que estuda o conhecimento.
- Saber e poder mantêm uma relação bem próxima desde os tempos antigos.
- Apesar das mudanças no mundo do trabalho, o conhecimento dito “formal” (isto é, aprendido e certificado nas Instituições reconhecidas) ainda tem prioridade sobre os saberes informais.
- Apesar da reflexão sobre o ato de conhecer já estar, de certo modo, presente nos escritos dos pré-socráticos, é a partir do pensamento socrático-platônico que ganha maior relevo.
- A teoria das ideias (ou formas) de Platão defende que o mundo em que vivemos só possui alguma verdade na medida em que participa, como cópia, do mundo inteligível.
- A teoria de Aristóteles diz que os conceitos das coisas podem ser apreendidos nelas mesmas, sem o recurso a um outro mundo, a partir das noções de forma e matéria.
- Os sofistas defendiam uma espécie de relativismo, uma vez que a verdade constitui uma consequência da capacidade de persuasão do argumentador.
- Os céticos pirrônicos eram aqueles que, diante do grande número de explicações acerca das coisas e da impossibilidade de decidirmos um critério de escolha justificável, optam pela suspensão do juízo.
- Na Idade Média, Agostinho defendia a teoria da Iluminação enquanto Guilherme de Ockham, uma versão do nominalismo.
- A filosofia moderna efetivamente começa com a descoberta da subjetividade por Descartes, considerado o “pai” do racionalismo.
- Os empiristas opunham-se diretamente aos racionalistas ao recusarem o inatismo e apontarem a experiência sensível como a principal fonte do conhecimento.
- A filosofia transcendental de Kant pretendeu encontrar um ponto de equilíbrio entre as duas teorias anteriores e postulou a existência de duas faculdades inatas: a sensibilidade e o entendimento como produtoras de todo saber humano.
- A fenomenologia de Husserl volta-se para a questão da intencionalidade da consciência e, consequentemente, para a pluralidade de visadas do sujeito em relação ao objeto.

Referências

- AGOSTINHO, Santo. **De magistro (Do mestre)**. Tradução de Ângelo Ricci. São Paulo : Abril Cultural, 1980. (Os pensadores.)
- ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução e adaptação da versão em espanhol de Patricio de Azcárate por Emmanuel Fraga.
- BICCA, Luiz. **Carnéades em Roma: ceticismo e dialética**. Revista Sképsis, ano IV, n. 5, p. 77-101, 2009. Disponível em <http://www.revista-skepsis.com/pdf/77_05.pdf>. Acesso em: 30 set. 2010.
- BLACKBRUN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Trad. de Desidério Murcho et al. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- CHAUÍ, Marilena. **Vida e Obra (prefácio)**. In: *Edmund Husserl*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os Pensadores.)
- DESCARTES, René. **Discurso do método**. Trad. por Elza Moreira Marcelina. Brasília: UnB, 1985.
- KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Trad. de Valerio Rohden e Udo B. Moosburger. São Paulo: Abril, 1980. (Os Pensadores.)
- LAËRTIUS, Diógenes. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Trad. de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora da UnB, 1988.
- MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- PASCAL, Blaise. **Pensamentos**. Trad. de Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- PLATÃO. **A República**. Trad. de Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- REZENDE, Antonio (Org.). **Curso de Filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

Imagens



• Acervo pessoal • Andreia Villar



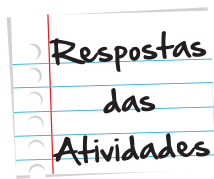
• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Sanzio_01.jpg



• <http://www.sxc.hu/photo/517386>



• http://www.sxc.hu/985516_96035528



Respostas
das
Atividades

Atividade 1

a.

Causa Formal: receita escrita ou na mente do cozinheiro.

Causa Material: ingredientes para o preparo (ovos, sal, queijo etc.).

Causa Eficiente: o cozinheiro e seus instrumentos de trabalho (espátula, fogão...).

Causa Final: omelete a ser consumida pelo cliente.

b.

Causa Formal: planta da ponte, projeto na mente ou no papel.

Causa Material: material usado para construir a ponte (concreto, pedra, vigas de metal etc.).

Causa Eficiente: o engenheiro e sua equipe de trabalhadores com seus instrumentos.

Causa Final: ponte pronta (que servirá para ligar dois municípios, por exemplo).

Atividade 2

O ceticismo é uma postura filosófica que sustenta de modo indireto a crença na impossibilidade de o intelecto humano alcançar qualquer certeza a respeito de algo. Frente à multiplicidade de critérios do “verdadeiro”, opta por isentar-se de qualquer opinião. Prefere manter-se a par das discussões ou empenha-se em apresentar as contradições das posturas dos demais participantes do debate.

Trata-se de uma postura bastante cômoda, mas extremamente frágil, pois, uma vez que o cético ceda à pressão por posicionar-se, é levado a cair em contradição, pois toda afirmação traz consigo uma pretensão ao verdadeiro.

Atividade 3

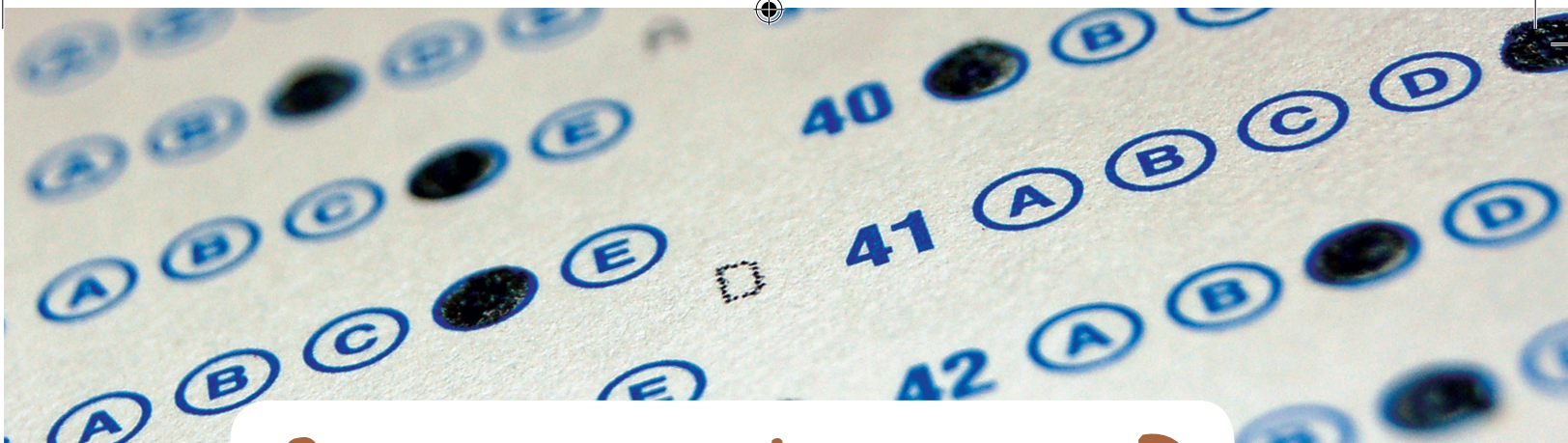
- a. (10) HUSSERL. Formulação clássica do princípio da intencionalidade da consciência defendido pela fenomenologia.

- b. (9) KANT. Aqui fica bem explícita a superação das perspectivas empirista e racionalista na filosofia de Kant.
- c. (5) SANTO AGOSTINHO. Citação que ilustra a teoria do conhecimento agostiniana da Iluminação divina.
- d. (1) PLATÃO. O conceito de Belo é utilizado pelo filósofo para justificar a sua teoria das ideias.
- e. (2) ARISTÓTELES. Observações sobre as noções de ato e a potência como princípios da própria substância.
- f. (4) PIRRO. Lema que sustenta a abstenção da certeza (epoché) típica dos céticos pirrônicos.
- g. (7) DESCARTES. O filósofo explicita o seu cogito.
- h. (3) PROTÁGORAS. Máxima polêmica do sofista Protágoras.
- i. (8) HUME. Defesa clássica dos empiristas sobre a origem do conhecimento.
- j. (6) GUILHERME DE OCKHAM. Princípio da navalha de Ockham.

Respostas
das
Atividades







O que perguntam por aí?

(UFRJ – Concurso 2008 – prova 1)

A disputa entre racionalismo e empirismo se dá no ramo da filosofia destinado ao estudo da natureza, das fontes e dos limites do conhecimento. Essa disputa diz respeito à questão sobre se e em que medida somos dependentes da experiência sensível para alcançar o conhecimento. Os racionalistas afirmam que nossos conhecimentos têm sua origem independentemente da experiência sensível, isto é, independentemente de qualquer acesso imediato a coisas externas a nós. Os empiristas, por sua vez, consideram que a experiência sensível é a fonte de todos os nossos conhecimentos. Em relação ao tema, considere a seguinte afirmativa:

“

“Primeiramente, considero haver em nós certas noções primitivas, as quais são como originais, sob cujo padrão formamos todos os nossos outros conhecimentos.”

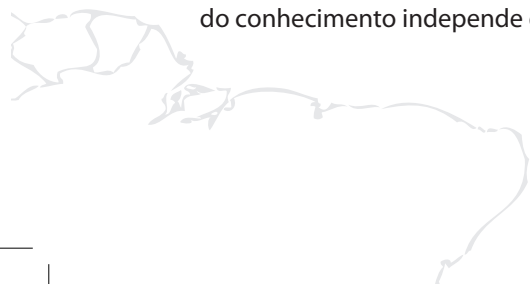
(DESCARTES, R. Carta a Elizabeth de 21 de maio de 1743. Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.)

”

Com base no que foi exposto acerca da oposição entre racionalismo e empirismo, responda: a frase de Descartes é mais representativa da posição racionalista ou da posição empirista? Justifique sua resposta, indicando o(s) elemento(s) da frase que a sustenta(m).

Gabarito oficial:

Com base no que foi exposto na apresentação da questão, a frase de Descartes é mais representativa da posição racionalista do que da posição empirista na medida em que identificar a origem do nosso conhecimento em noções primitivas presentes em nós é alinhar-se com a tese racionalista, apresentada no enunciado, de que a origem do conhecimento independe da experiência sensível, entendida como acesso imediato a coisas externas a nós.

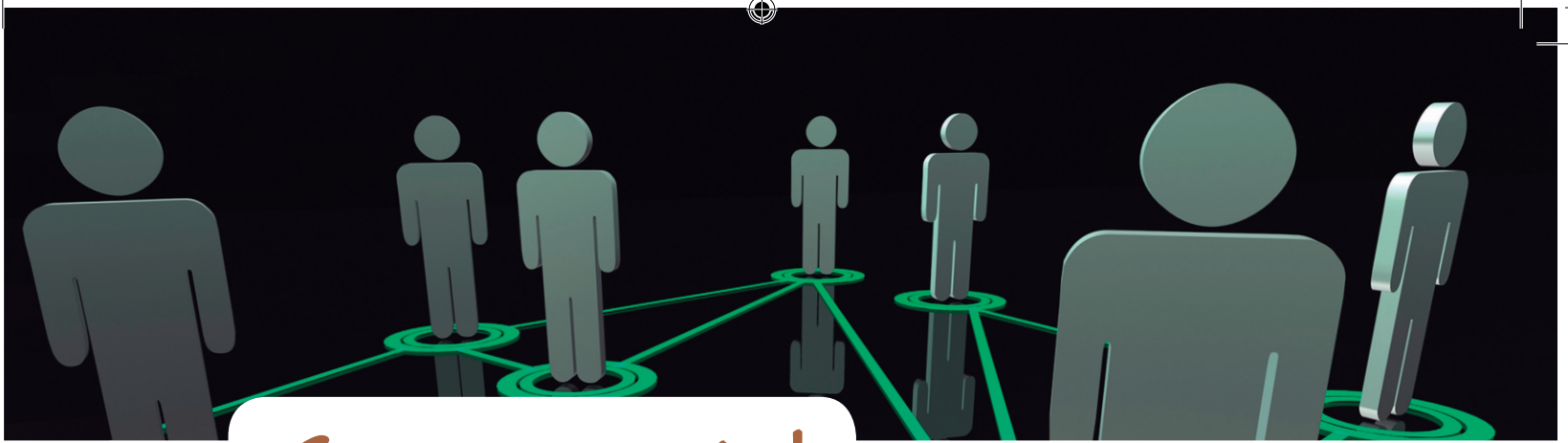


Bro
Urug.
Argei

Comentando...

Como vimos, Descartes sustenta um posição francamente racionalista, uma vez que defende a existência de ideias inatas, de certo modo responsáveis, em virtude de sua clareza e evidência, pela própria certeza em relação às demais. Um empirista, ao contrário, sustenta que o conteúdo de nossos intelectos depende necessariamente das impressões sensíveis, recusando com veemência o inatismo dos racionalistas.





Caia na rede!

O Infográfico da revista *Superinteressante* chamado “filosofighters” é realmente divertido e educativo. No estilo dos clássicos jogos de luta, nove filósofos brigam por suas ideias em um ringue. Entre esses pensadores, encontramos 3 filósofos de nossa aula sobre epistemologia: Platão, Santo Agostinho e Descartes, além de outros que teremos o prazer de conhecer mais à frente.

Conheça os golpes de cada filósofo clicando no botão “Ver golpes” e aproveite para conhecer um pouco mais sobre as teorias desses brilhantes pensadores.

- Jogo: <http://super.abril.com.br/multimedia/filosofighters-631063.shtml>
- Para Aprender a jogar: <http://super.abril.com.br/blogs/superblog/aprenda-a-jogar-filosofighters/>
- Tumblr dos Filósofos: <http://filosofighters.tumblr.com/>

Dica: Não deixe de experimentar os golpes “A caverna”, de Platão, e o “Cogito ergo sum”, de Descartes. Bom jogo!

Até
breve!

Bro
Urug.
Arger

